

MALC

MUSEU DE ARTE DA UNIVERSIDADE DO CEARÁ

bandeira

De 15 de julho a 15 de agosto de 1961

Nada melhor, para o Museu de Arte da Universidade do Ceará, do que iniciar suas atividades com uma exposição de Antônio Bandeira. Digo iniciar suas atividades porque acredito que o MAUC está convencido de que um museu não é um órgão estático, parado, depósito de quadros sem vida e sem calor. E assim, inaugurado há poucos dias, o mais jovem museu do Brasil já começa a procurar agitar a pacata cidade de Fortaleza — mostrando, no espaço de 30 dias, os óleos e os guaches de um dos mais discutidos e anticonformistas dos pintores brasileiros. E Deus queira que esta primeira amostra do monstruoso Antônio faça com que os últimos remanescentes das tribos alencarinas empunhem tacapes (com licença da palavra e com homenagens aos pioneiros de 22) e promovam motins, fazendo com que os seus gritos de cólera ou de louvação ecôem nas quebradas da verde serra, com o romantismo solene das brigas provincianas.

Nada melhor do que uma exposição de Bandeira para mostrar que o Museu de Arte da Universidade do Ceará nasceu vivo e promete endiabrar-se. Pois o fato é que, nesta sua terra de frases feitas, de paisagem serena, de alencarinos mares bravios e monótonos cantos de jandaia, Bandeira sempre foi um símbolo de agitação. Quando aqui chegou, pela primeira vez, vindo de Paris, com legendas fantásticas aureolando-lhe o nome e o cavanhaque — lembro-me bem da borrasca que os seus quadros provocaram entre os intelectuais e o povo em geral, uns querendo adivinhar o que êles significavam, outros liquidando-os com um simples olhar desdenhoso, e outros ainda, em mirrada mas significativa minoria, a justificar as suas atitudes, o seu modo de ser e de sentir as cousas. E no meio de tudo, a figura do artista, silenciosa, às vèzes risonha, a olhar para todos com simpatia, intimamente gozando aquela agitação que provocara.

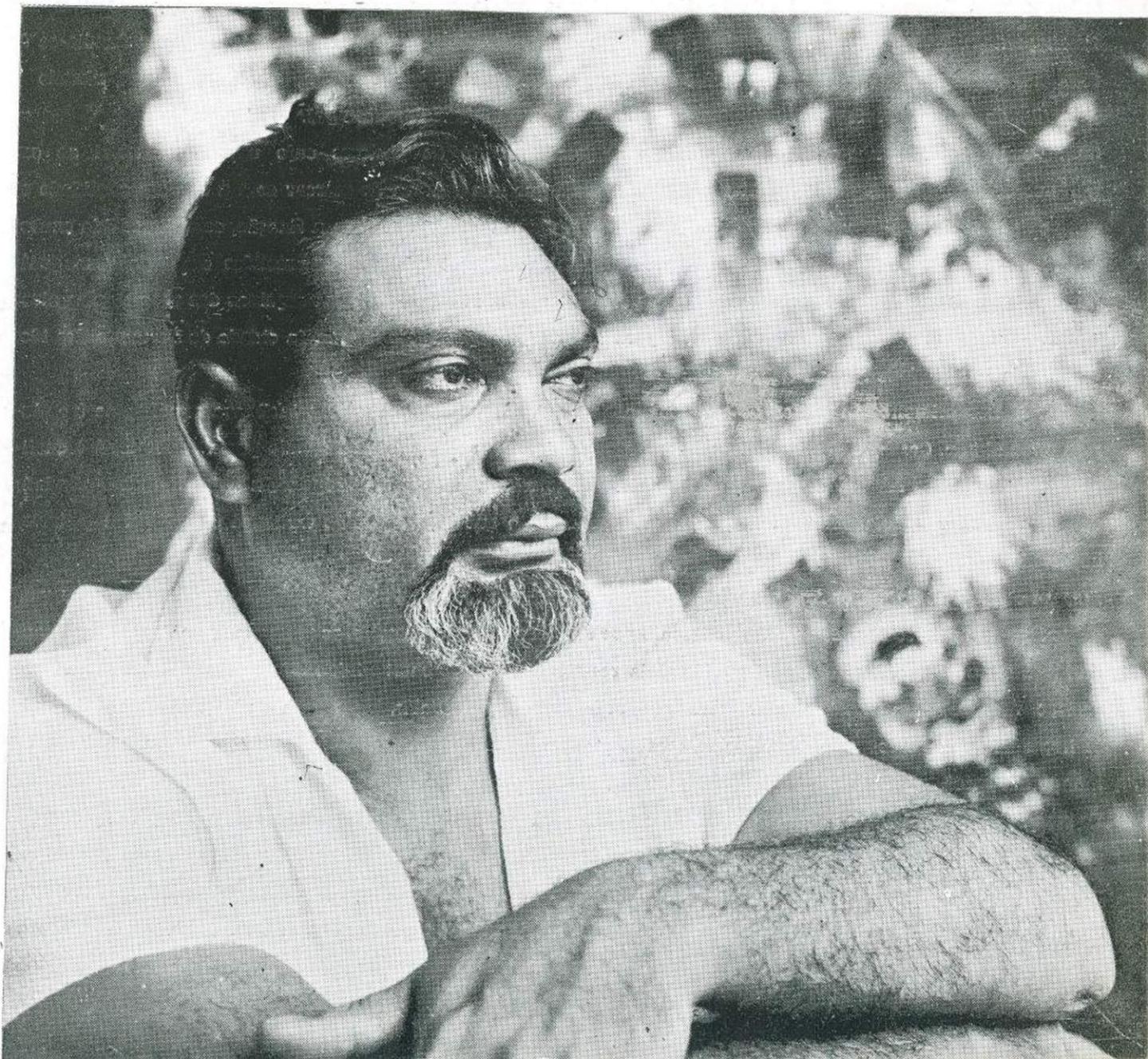
Nesse tempo não pensávamos em museu, nem sequer numa pequena galeria — como pensar nessas cousas se até mesmo a Sociedade Cearense de Artes Plásticas agonizava aos nossos olhos? Foi aquilo uma simples aventura — como aventura foram mais tarde as exposições de Aldemir e de Sérvulo Esmeraldo, visitadas por um público que sempre visita exposições mas sem nenhuma penetração no espírito do povo. Foi necessário que viesse a Universidade, desse um banho de otimismo na alma do povo, realizasse muitas cousas antes para que, de um instante para outro, surgisse o Museu. Museu que na verdade ainda está a se formar, mas que é admirável justamente por isso, porque vai começando da estaca zero, com quadros e imagens emprestadas, com arte popular pela primeira vez apresentada como cousa de valor, para grande surpresa de mestre Chico Santeiro, e de Francisco Silva, que jamais pensaram que os bonecos que faziam e as serpentes que pintavam um dia seriam admirados por generais e doutores, todos nêles reconhecendo valores que os seus próprios autores ignoravam completamente.

E vem o Museu e convida Antônio Bandeira para fazer uma amostra dessas telas que representam o melhor de sua última fase de pintura. Depois de se apresentar nos mais destacados centros de arte do mundo, vem o Bandeira, humildemente, deixar em sua terra uma semente que certamente brotará. Aqui ficará uma sala sua, que será sempre renovada porque tanto o Museu como o Bandeira não estacionarão nesse comêço. Amanhã teremos outros quadros seus, não para substituir os que hoje são expostos mas para aumentar a coleção que para nós, por todos os motivos, será sempre preciosa.

Nesta exposição inaugural do Museu de Arte do Ceará sei que deveria fazer uma apresentação do artista, dizer dos seus méritos, das vitórias que alcançou, do sucesso que vem tendo aquém e além mar. Mas para que — se vocês todos sabem quem é o Bandeira, se páginas atrás há interpretações de sua arte, há poemas e notas biográficas, há até um depoimento do artista que é, em prosa, maravilhosa pintura? Deveria eu também dizer dos propósitos do Museu de Arte da Universidade — mas isso vocês entenderão melhor vendo que, com a exposição de Bandeira, o MAUC está imbuído de um espírito novo, como tudo o que é iniciativa da Universidade.

A única cousa que poderei destacar é que, com a exposição de Bandeira, está começada a revolução. Que os pacatos filhos da terra da luz se preparem para as ofensivas que daqui por diante virão, oriundas deste museu em embrião que dia a dia terá de crescer e solidificar-se. Outras exposições virão, outras iniciativas se sucederão a esta. O melhor de tudo mesmo é ter sido o movimento iniciado com o nosso Antônio Bandeira, êle próprio um símbolo de renovação que deverá ser, e certamente será, o símbolo representativo do Museu de Arte da Universidade do Ceará.

Fran Martins



No princípio Antônio Bandeira teve que percorrer os ásperos caminhos do autodidatismo sob o azul de um céu escampo e a persistente claridade solar iluminando tudo — o copado verde das árvores, as brancas casas e seus telhados vermelhos, a rubra, violência da flôr do cactus, o bravo esverdeado do mar, o amarelo agressivo dos flamboyants. Essa multicolorida paisagem instigante da sensibilidade plástica de Antônio Bandeira fundia-se às formas ígneas que o pintor trazia gravadas nos olhos quando, ainda na infância, contemplou deslumbrado a fundição do ferro e os fornos flamantes na oficina do “velho” Bandeira, seu pai.

Com a mão embebida nas côres e o entusiasmo de descobrimento de pintores cujo universo sensível ao seu universo sensível assemelhava-se, Antônio Bandeira nem por isso deixava de marcar com a sua personalidade os óleos e aquarelas que então fazia. Sua sensibilidade nessa época inclinava-se para a fixação, com desmedida exuberância de côres, dos esconsos recantos do Morro do Moinho, onde se afundavam humildes casas de uma gente humilde, de velhas ruas esquecidas pelo tempo, da ternura feminina a passear pelas esquinas das noites, pelas alvas igrejas silenciosas na sua imponência, enfim, para a fixação da paisagem urbana da cidade de Fortaleza dos idos de 40 e da humanidade que ali habitava.

Mesmo nesses primeiros instantes de sua vida artística Antônio Bandeira não se inclinava servilmente à natureza circundante. Casas, pessoas, flôres, nuvens, redes de dormir, ruas, o “atelier”, tudo passava por uma transfiguração lírica. tudo recebia um tratamento plástico onde estava presente o próprio Antônio Bandeira. Verdade que não ainda o artista em tôda a sua inteireza, mas já o que nêle havia de essencial era visível à primeira impressão.

Esse foi o princípio do pintor Antônio Bandeira. Depois... depois foram os longos anos de disciplinado e constante aprendizado, o sofrido aprimoramento do talento que em si carregava, a descida ao mais profundo de si mesmo para de lá trazer a sua visão plástica do mundo. Seja ressaltada aqui a honesta fidelidade de Antônio Bandeira para consigo mesmo, porquanto o pintor formou-se artisticamente em Paris, lugar para onde convergem e de onde se irradiam tôdas as correntes, tendências, escolas e experiências do agitado — hoje mais que nunca agitado — mundo das artes.

Os mais recentes trabalhos do pintor, seus óleos e guaches, só no tratamento formal diferem do que por êle foi feito no passado. Não sendo Antônio Bandeira autor de um quadro, mas sim de uma seqüência que não chegou ao seu termo, há na obra tôda do artista cearense uma constante temática e uma permanência das texturas tonais e cromáticas. Com tratamento diverso seus temas de hoje são os mesmos de ontem: “As Árvores”, “Noite sôbre a

Cidade”, “Paisagem Longínqua”, “Cidade Adormecida”, “Marítima Verde”, “Bairro Noturno”, “Flora Azul”. As cores das telas de ontem voltam insistentes nos óleos e guaches de hoje: o azul, o vermelho, o preto, o amarelo, o verde, o branco.

Assim, Antônio Bandeira ao contemplar o mundo que já conhece volta-se para dentro de si, qual um explorador incansável do território incansável do território infinito das emoções, a fim de perpetuar em novas transfigurações o que existe de incorruptível, atravessando os tempos, no universo de ontem, no de hoje e por certo no do futuro. E da visão renovada dos mesmos assuntos e usando as mesmas cores de sua eleição, Antônio Bandeira capta novos ângulos em instantes plásticos.

Não tendo a preocupação de filiar-se a uma das muitas correntes, tendências, escolas e grupos das artes modernas (“Não tenho nome para a minha pintura. Considero-a em realização, em constante elaboração, e não encontro classificação para o que eu faço. Em Paris, costumam chamar-me de abstrato, porém, quando eu vou começar um quadro, nunca penso nisso, nesse suposto abstracionismo meu.”), Antônio Bandeira optou pelo caminhar solitário na busca do âmago da criação, numa vigorosa afirmação de sua personalidade criadora.

E nesse caminhar o artista encontrou uma harmoniosa visão lírica do mundo e muitos dos seus trabalhos roçam suavemente pela musicalidade, pela musicalidade de um Debussy, talvez pudesse aduzir. É o que o observador concluirá ao postar-se diante de certos óleos do pintor Antônio Bandeira. Aqueles que se preocupam com o problema das influências provavelmente encontrarão afinidades entre o pintor brasileiro e Paul Klee. Mas o importante a assinalar é que Antônio Bandeira é um artista do mundo de hoje, como seus quadros onde as nervosas linhas coloridas emergem do caos ou onde simetria dos traços organiza o informal.

Aluizio Medeiros

Cais, óleo 1,00 x 0,81 — 1960



a antônio bandeira

caro pintor bandeira.
que tua mão certa
encontre a cada dia
essa fina alegria
de reinventar o mundo,
tornando-o mais profundo,
mais claro e vaporoso.
há no espaço gracioso
em que teu sonho move
e liberta e comove
a essência dos objetos,
não sei que ultra-secretos

enigmas e doçuras.
bandeira, são as puras
raízes da tua arte.
com ela, em tôda parte
descobrirás aquilo
que teu olhar tranqüilo
vai sempre transformando
(amar se aprende amando).
modelador de brumas,
formas raras. espumas,
unindo a fantasia
a uma abstrata beleza.
- seja-te o ano propício,
e a êsse teu nobre ofício.

carlos drummond de andrade

Nasceu em Fortaleza — Ceará — Brasil, em 1922.

Fundou com os pintores de Fortaleza o centro cultural cearense de Belas Artes, até hoje S.C.A.P. (Sociedade de Artes Plásticas), onde realizavam exposições permanentes e faziam um "Salão". Em 1945 vem para o Rio de Janeiro, sendo distinguido pelo adido cultural da França com uma bolsa de estudos em Paris aos auspícios do governo francês, depois de ter apresentado uma mostra individual no Instituto de Arquitetos do Brasil.

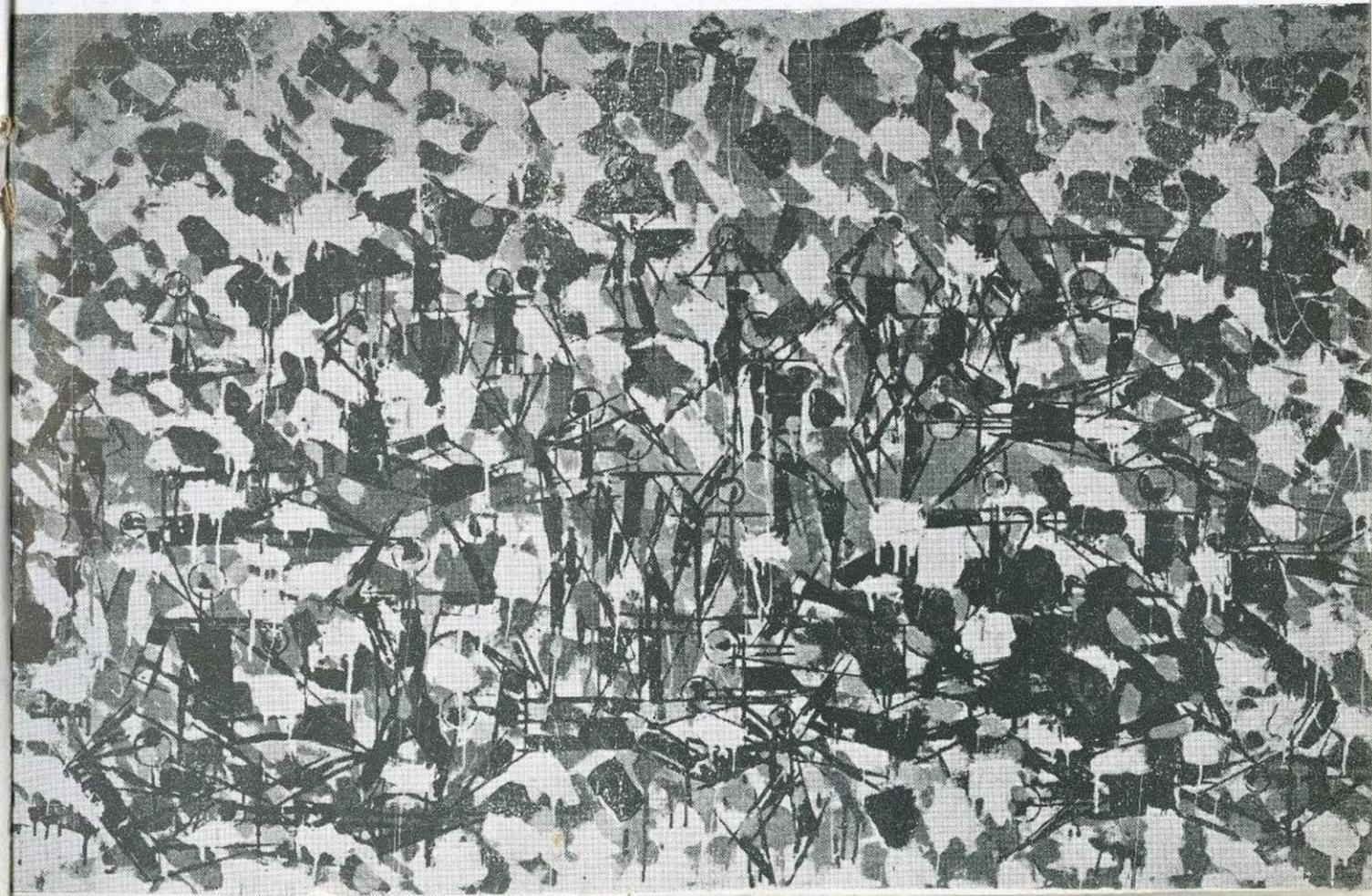
Desenha no atelier do Professor Narbone e grava no do Professor Galanis, na "École Nationale Supérieure des Beaux Arts", desenha livremente na "Académie de la Grande Chaumière". Pinta sôzinho na "Cité Universitaire", na mansarda (água-furtada) do Quartier Latin e no atelier do Parc Montsouris, frequentando os pintores de Montparnasse. Passa a frequentar Saint-Germain des Prés, ligando-se a Wols e Bryen, e formam o "BANBRYOLS" (Ban de Bandeira, Bry de Bryen e Ols de Wols), grupo que realmente nunca expôs junto devido à morte do último componente. Até 1950 vive completamente integrado entre os pintores da chamada "École de Paris".

Volta ao Brasil, onde expõe e executa pinturas murais até 1954. Ganha o Prêmio de Viagem ao País no Salão de Arte Moderna. Regressa a Europa com o Prêmio Internazionale Fiat di Torino, obtido na II Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Instala-se definitivamente em Paris, com uma estadia em Bruxelas durante a Exposição Internacional de 1958.

Em 1959 volta ao Brasil. Em 1960 inaugura com uma exposição individual o Museu de Arte Moderna da Bahia e toma parte na delegação brasileira à Bienal de Veneza. Expôs no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, na 5.^a Bienal de São Paulo e na XXX Bienal de Veneza.

Depois da primeira exposição de Fortaleza, em 1942, Antônio Bandeira participou das maiores exposições coletivas internacionais; das Bienais de Veneza e de São Paulo, do Salon de Mai, do Salon Réalités Nouvelles, "de 50 anos de Pintura Abstrata", do "Salon D'Art Libre", bem como tem realizado exposições individuais em Paris, Londres, New York, estando suas obras espalhadas em museus e galerias européias e americanas e em várias coleções particulares.

Amazonas Guerreando, óleo 1,46 x 0,89 — 1958



Primeiro me deram de presente as nuvens, depois um sunga de veludo vermelho, e aí começou a nascer uma liberdade imensa.

Infância girou em tórno de árvore, era um sólido flamboyant vermelho, preto e amarelo que um dia se tornaria em quadro, ou melhor, em seqüência dêles, em pintura, talvez.

Nesse momento nuvens, mar e árvore já formavam um crepúsculo plástico, um nascimento ou uma morte, uma natividade.

A feia humanidade viria depois, e aureolada com os feitos da vida — sofrimento e glória — nem era tão feia assim. Houve até uma compaixão pictórica, tudo se metamorfoseava em belo. A escólia dos temas enchia o coração do homem e a superfície da tela.

Com o correr dos tempos toda essa humanidade foi se dando a mão, formando ciranda, como uma linha, uma geometria, um desenho, até se tornar em quadro, digo pintura, porque um quadro é o antecedente do quadro presente, continuando no quadro que vem depois. Uma visão do passado, presente e futuro, cadinho de emoções. E falando em cadinho me vem logo à mente a fundição de meu pai, cadinho de raças, carinho de ferro e bronze, carinho também de carne e alma.

Falando ainda em cadinho creio que fundindo homens e bichos, cidades, trens, navios, árvores e lixo, remexendo bem como no disco de Newton, se poderá conseguir uma confusão ou receita psicoplástico-poética que não é nada e é tudo. Diante dessa emoção o homem não deve rir nem chorar, apenas ficar calado. Assim como chuva, nuvens e balão, da guerra não, do céu caindo, sôbre as flôres, pela escada, pelo chão, uma mulher parindo.

Depois vem a grande cidade (estamos nela sempre), mas guardamos e conservamos sempre uma certa paisagem longinqua. Infância, objetos, música, perfumes, seres passados acontecidos ou vividos, ficam eternamente conosco, como conteúdo vivo, como pureza. A imensa cidade do dia e da noite, entre atormentada e tranqüila, próxima e distante — para sofrimento e pedaços de felicidade nossa — essa mesma cidade, que as vêzes de tão grande que é, vira uma pequena província.

O campanário de Saint-Germain des Prés recordando as vêzes um outro, o da Igreja de São Benedito, de Fortaleza, onde íamos jogar bola de pano, aproveitando da sombra mansa do oitão do Templo (e nem sabíamos que estávamos num Templo... só hoje). “La Tonnelle”, o “Bistrot” dos “Clochards”, com plantas verdinhas parecendo a latada de maracujá do quintal lá de casa. Era verão, havia pombas no chão. Paris era lindo, mais que lindo: era cruel e humano.

Agora vem o vazio, à noite, o minuto da criação, a função da inspiração e transpiração dosada de poesia, o equilíbrio físico e moral. A superfície vírgem deve dialogar com o homem.

Devemos purificar, sofrer, rasgar, acarinhar, transformar a matéria vegetal. Água ou óleo ou terebentina ou espátula ou pincel amolece, açoita, martiriza a superfície em criação. É quase roupa branca se amoldando à manufaturação do homem. O enxugamento, o quarador, a côr, o sol, o cérebro, a mão, e enfim o sentimento de uma mensagem transmitida.

ANTÔNIO BANDEIRA

obras expostas

1	cidade queimada de sol (<i>homenagem a fortaleza</i>)	1,20x1,20	1959
2	noturno	0,60x0,73	1958
3	a grande cidade vertical	0,97x1,62	1960
4	paisagem branca	0,80x0,73	1961
5	selva noturna	1,20x1,20	1959
6	paisagem azul	1,62x0,97	1960
7	bouquet vermelho	0,46x0,55	1957
8	flora azul	0,89x1,46	1958
9	momento de neve	0,46x0,55	1958
10	amazonas guerreando	1,46x0,89	1958
11	paisagem longínqua	0,55x0,38	1956
12	árvore em bruxelas	0,46x0,55	1958
13	cidade adormecida	0,55x0,33	1956
14	árvore em azul	0,55x0,46	1956
15	cidade esboçada em azul	0,46x0,55	1957
16	a ilha verde	0,55x0,46	1957
17	madrugada	guache	1959
18	sol sôbre paisagem	guache	1958
19	arrebol	guache	1958
20	tropical	guache	1959
21	souvenir de paris	guache	1959
22	lunática	guache	1959
23	dourada	guache	1959
24	purificação de capri	guache	1959
25	crepusculando	guache	1959
26	paisagem triplicada	0,48x0,24	1953
27	árvores triplicadas	0,57x0,24	1953
de 28 a 33			
	humanos na paisagem erótica	desenho a nanquim	1957



MAUC